

O Apocalipse agora é na Espanha com 'Megalópolis'

PÁGINA 4



Solos de dança gratuitos no Sesc Copacabana

PÁGINA 7



Última semana do 19º RioHarpFestival 2024 no CCBB

PÁGINA 2



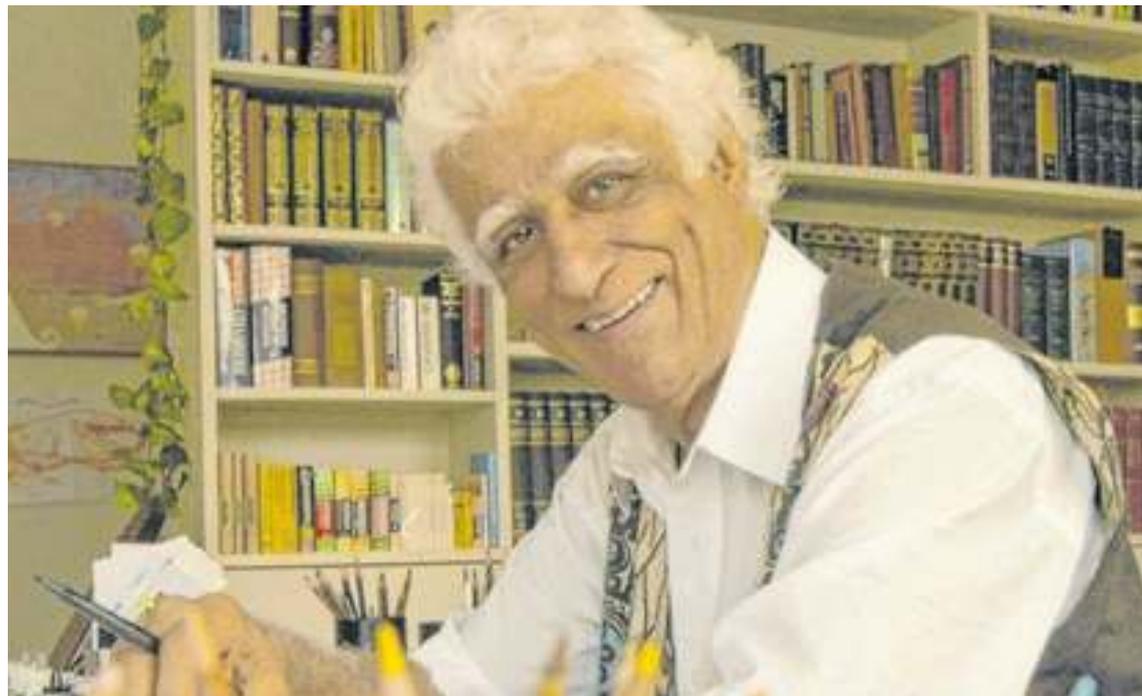
2º CADERNO

Imagens originais do livro 'O Menino Maluquinho' estão entre os destaques da mostra

que contam a trajetória de um mestre do traço. De 25 a 29 de setembro, uma parte do rico acervo de Ziraldo estará em exposição na ArtRio 2024, feira de arte que vai ocupar a Marina da Glória. O Instituto Ziraldo montou um painel de 8 metros de largura por 3,50m de altura no Espaço I Love PRIO, trazendo ilustrações, cartazes e charges do artista, falecido em abril. O trabalho tem a curadoria de Adriana Lins, diretora artística do Instituto. O grande destaque é O Menino Maluquinho, com 10 ilustrações extraídas do livro homônimo de 1980, que deu origem ao personagem.

Os visitantes podem conferir imagens de diferentes fases da carreira de Ziraldo. Entre elas, quatro ilustrações de "O Menino Castanho", livro lançado em 1994 pelo Ministério da Educação de Moçambique. O traço inconfundível do artista aparece ainda em "O Fazedor de Amanhecer" (2001), do poeta Manoel de Barros. A parceria marca a união de dois amigos que nunca deixaram de ser crianças.

O futebol – outra grande paixão de Ziraldo – e o humor também estão presentes na ArtRio.



Acervo Instituto Ziraldo

Ziraldo é um artista atemporal e universal, referência na defesa da liberdade de expressão

Ziraldo na ArtRio 2024

Um cartaz mostra os jogadores de um time pulando sobre o juiz da partida para comemorar o gol da equipe. Dos campos para as telas, surge o cartaz promocional do filme "Ascensão e queda de um paquera" (1970), com Claudio Cavalcanti no elenco. Uma peça curiosa foi pinçada de uma campanha antitabagista do Ministério da Saúde na década de 70. Ziraldo desenhou um palhaço com cigarro no canto da boca e a

legenda "Fumar é careta".

A mostra também traz imagem que relembra a parceria de 60 anos de Ziraldo com a Feira da Providência e outras feitas para os livros "De Fora da Arca" (1996), de Ana Maria Machado, "Olha o olho da menina" (1987), de Marisa Prado, e o recém-lançado "Entre Cobras e Lagartos", com texto de Guto Lins.

"Essa mostra celebra a parceria da PRIO e do Instituto Zi-

raldo. Abrimos uma gaveta do nosso acervo para compartilhar um pouco da linda trajetória do artista. Aliás, dos vários Ziraldos: o da literatura infantojuvenil, das artes gráficas, das campanhas educativas e do humor. A seleção das imagens retrata a diversidade do trabalho dele, que é voltado a públicos de muitas gerações, e a sua contribuição única para a cultura", explica Adriana Lins.

Em 75 anos de carreira, Ziraldo foi muitos. Cartunista, chargista, escritor, dramaturgo, roteirista e ilustrador são apenas algumas das múltiplas funções que exerceu ao longo de sua trajetória. A sua obra é preservada pelo Instituto Ziraldo, com sede na Lagoa, no Rio de Janeiro. Até o momento, já foram inventariados cerca de 18 mil itens, entre desenhos, textos, cartazes, cartuns, charges, livros, pinturas e esboços, reunidos nos formatos físico e digital. Ziraldo deixou 8 milhões de exemplares vendidos, desenhos fabulosos no acervo e alguns dos maiores clássicos da literatura brasileira, como O Menino Maluquinho, Flicts, A Turma do Pererê, Supermãe e muitos outros.

Para tanto, o Instituto Ziraldo conta com o patrocínio da PRIO, viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, promovendo a conservação do acervo do artista e a difusão de suas obras para diversos públicos. A PRIO é a maior companhia independente de óleo e gás do Brasil e acredita na importância de preservar a memória cultural do Brasil.

"Estamos orgulhosos em contribuir para a valorização da arte e da cultura por meio de nossa parceria com o Instituto Ziraldo nesta edição da ArtRio. Assim como a PRIO, o Instituto busca de forma incansável deixar um legado relevante em cultura, por meio de assuntos importantes para o Brasil. Acreditamos que essa união fortalecerá ainda mais nosso compromisso de impactar positivamente as gerações passadas e futuras", aponta Camilla Trindade, gestora de Patrocínios e Projetos Sociais da PRIO.

CORREIO CULTURAL

Diego Padilha



Evento será no Autódromo de Interlagos

The Town anuncia as datas dos shows para setembro de 2025

A contagem regressiva do The Town já começou. O evento, que entra em sua segunda edição em 2025, anuncia as datas para os dias 6, 7, 12, 13 e 14 de setembro na Cidade da Música, no Autódromo de Interlagos, em São Paulo, levará a temática Amazônia para Sempre para dentro do festival. Assim como aconteceu no Dia Bra-

sil do Rock in Rio, no sábado, dia 21, ao longo dos cinco dias do The Town, uma intervenção artística com um videomapping com projeções de imagens e luzes ganhará o Palco Skyline. A apresentação do Amazônia para Sempre acontecerá, em setembro de 2025, em um palco flutuante, em formato de vitória-régia, no Rio Guamá.

Cinema

O Centro Cultural Moral da História promoverá uma sessão de cinema gratuita neste sábado (28) com o objetivo de arrecadar doações para crianças da Zona Oeste do Rio em situação de vulnerabilidade social. A sessão terá início às 15h.

Ação social

O público poderá assistir ao filme "Confissões de uma Garota Excluída", estrelado pela atriz Klara Castanho, mediante a doação de 1kg de alimento não perecível. A classificação do filme é de 10 anos. A ação, intitulada Cinema Na Moral.

Teatro

Entre os maiores eventos de artes cênicas do país, o Niterói em Cena - Festival Internacional de Teatro apresenta a Mostra Peças (a mais aguardada do evento), de 24 a 28 de setembro, no Teatro Popular Oscar Niemeyer e na Praça João Saldanha.

Niterói

São quatro atrações do Brasil e outras três da Alemanha, de Moçambique e do Peru. O 17º Niterói em Cena tem patrocínio da Secretaria Municipal das Culturas (SMC) de Niterói. Mais informações no site www.niteroiemcena.com.br.



O Jésus Suarez também está na programação

Última semana do 19º RioHarpFestival

Divulgação

Coral "Vozes da África" em destaque no CCBB Rio e outros espaços culturais do Rio

Considerado o maior festival de harpas do mundo e único no Brasil, o 19º RioHarpFestival 2024 chega a sua última semana apresentando o melhor do instrumento ao público carioca em apresentações no CCBB e em outros pontos culturais do Rio e do Grande Rio, com ritmos que vão desde a arte barroca à contemporânea.



Rafael Deboleto apresenta a harpa paraguaia

Programação

Dia 25 de setembro - quarta-feira: 12h30, no Teatro II do CCBB Rio, Walter Morato, harpa - (Argentina). Programa: Clássicos latino-americanos. Às 15h: Rafael Deboleto, harpa (Brasil), Programa: Clássicos latino-americanos.

Dia 26 de setembro - quinta-feira: 12h30, no Teatro II do

CCBB Rio, SHIVA-GITA- (Índia) - Cláudio Gama, harmonium, Mario Moura, sitar (tipo de harpa com 19 cordas), Jaffer Swamani, parkhawa e tabla). Programa: músicas indianas. Às 15h: Rafael Deboleto, harpa paraguaia - (Brasil). Programa: Clássicos latino-americanos

Dia 27 de setembro - sexta-feira: 12h30, no Teatro II do

CCBB Rio, Rafael Deboleto, harpa paraguaia - (Brasil). Programa: Clássicos latino-americanos.

Dia 28 de setembro - sábado: 15h, no Teatro II do CCBB Rio, Orquestra de Ukeleles. Participação especial Victor Freitas, harpa (Brasil). Programa: Clássicos internacionais

Dia 28 de setembro - sábado: às 18h, no Palácio São Clemente (Rua São Clemente 424 - Botafogo), o concerto da pianista Marialy Pacheco, piano (Cuba). Marialy Pacheco se destaca entre as grandes estrelas contemporâneas do piano cubano. Participação especial: Jésus Suarez, harpa (Venezuela). Programa: Músicas internacionais. Capacidade: 120 lugares.

Dia 29 de setembro - domingo: 15h, no Teatro II do CCBB Rio, Tambores do Japão. Participação especial Alessandro Aguiar, koto, harpa japonesa (Japão/Brasil)

Dia 30 de setembro - segunda-feira - no Teatro II do CCBB Rio, às 12h30: Allegro Trio de Harpas. Ana Miccolis, Isis Figueira Machado, Carmem Sarmet, harpas - (Brasil)



Ximenne

Exposição deseja mostrar a pluralidade da produção artística ligada às zonas não centrais do Estado

Ressignificação do subúrbio do Rio

Ximenne

Através de nove artistas visuais, exposição “O Meu Lugar” traz experiências e memórias sobre essa região da capital fluminense

Contemplada pelo Edital Sesc Pulsar 2024, a exposição “O Meu Lugar” apresenta uma resignificação do subúrbio fluminense através da diversidade de estilos e linguagens na produção das artistas visuais: Agrade, Agrippina R. Manhattan, Arorá, Diambe, Joyce Olipo, Mariana Paraizo, Masina Pinheiro & Gal Cipreste e Renata Leoa, oriundas de regiões suburbanas e periféricas do Rio de Janeiro, que criaram diferentes formas de localizar aspectos do subúrbio na produção de Arte Contemporânea Brasileira.

A partir de um enunciado disparador - o verso “o meu lugar...” na composição de Arlindo Cruz, o projeto de curadoria, assinado por Julia Baker e Rafael Amorim, sele-

cionou obras que dialogassem não apenas com os espaços nos quais esse grupo de artistas nasceram, mas nas suas relações de pertencimento e exclusão baseadas em narrativas críticas, vislumbrando tais territórios em amplos aspectos.

A exposição apresenta, então, as variadas camadas da própria ideia de subúrbio, propondo os seguintes questionamentos: Que outros subúrbios encontram-se escondidos naquele que conhecemos? Quais corpos vêm sendo representados na História da Arte quando se fala em subúrbios e periferias? Como descentralizar as narrativas que subalternizam e exploram aquilo que não está no espaço chamado de centro?

Esse projeto é uma iniciativa que pretende expor as formas e dis-



O imaginário sobre o subúrbio é limitante

curso que compõem o terreno sensível de quem nasceu ou viveu em algum subúrbio no Estado do Rio de Janeiro, registrando os percursos de artistas que apresentam seus territórios e interesses de pesquisa por meio de perspectivas menos literais, apostando na ressingularização de seus espaços, tendo a arte como uma das muitas urgências em suas trajetórias de vida. Arlindo Cruz, em sua música “Meu Lugar” entoou os versos: O meu lugar/ É cercado de luta e suor/ Esperança de um mundo melhor / E cerveja para co-

memorar/ O meu lugar/ tem seus mitos e seres de luz/ É bem perto de Osvaldo Cruz/ Cascadura, Vaz Lobo e Irajá.

O imaginário sobre os subúrbios e as periferias é comumente cercado de imagens caricaturais limitantes. Criações pictóricas retratando esses estereótipos são frequentes na mídia e no campo das artes visuais, sendo compartilhadas sob a forma de corpos hipersexualizados, violência excessiva e, muitas das vezes, aludindo a uma felicidade típica. Tais visões reduzem esses territórios a chaves

de leitura simplificadas. Na canção, Arlindo Cruz afirma que existem mitos sobre o seu lugar, e esse mitos são retratados inúmeras vezes em uma história da arte não expandida. No entanto, quando pensamos nas histórias das artes, vemos que a representação dos territórios recebe visões múltiplas, especialmente de corpos que habitam ou habitaram tal espaço de formas não convencionais. Com novas possibilidades, novas histórias se criam e o espaço do “Meu Lugar” se transforma. Seja em termos concretos ou de representação.

A exposição aqui proposta caminha por tais vias, desejando mostrar a pluralidade da produção artística ligada às zonas não centrais do Estado. O grupo de artistas aqui apresentado reafirma o interesse poético e político de co-criar, a partir de trajetórias e envolvimentos, com o que de mais plural há em nossos subúrbios. São artistas que seguem se destacando no circuito artístico nacional e internacional, e que já passaram por espaços e instituições culturais como o Museu da História e da Cultura Afro-brasileira (MUHCAB), o Museu de Arte do Rio (MAR), a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e por outras unidades do SESC espalhadas pelo Brasil. Desse modo, “O Meu Lugar”, com seus mitos e seres de luz, aponta para a co-criação de um espaço onde o subúrbio fluminense é (re) apresentado ao público sob perspectivas de artistas que se expandem para além das limitações geográficas e transformam o singular em plural. O nosso lugar.

SERVIÇO

EXPOSIÇÃO: O MEU LUGAR

Artistas Convidadas: Agrade, Agrippina R. Manhattan, Arorá, Diambe, Joyce Olipo, Mariana Paraizo, Masina Pinheiro & Gal Cipreste e Renata Leoa.

Curadoria: Julia Baker e Rafael Amorim | Local: SESC São Gonçalo | Endereço: Av. Pres. Kennedy, 755 - Estrela do Norte, São Gonçalo

Visitação: de 14 de setembro a 15 de dezembro

Dias e horários: de terça a domingo, das 9h às 18h



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sexta-feira é dia de São Cosme e Damião e o doce que o cinema de autor tem a oferecer ao público americano é a estreia de um ímã de controvérsias dirigido pelo artesão por trás de “O Poderoso Chefão” (1972), Francis Ford Coppola, de volta à ribalta, depois de um hiato de nova anos, para lançar “Megalópolis”. Antes de seu lançamento estadunidense, o longa-metragem se refestela nos holofotes do Festival de San Sebastián, na Espanha, onde será exibido hoje na competição pelo prêmio de júri popular do evento, onde o público pode comprar ingressos para os longas-metragens das seleções oficiais e paralelas. Há uma corrida nas bilheterias da cidade basca por essa superprodução de US\$ 120 milhões, financiada pelo próprio realizador com o lucro de suas vinícolas. Apesar do recente convite ao “cancelamento” pelo qual Coppola passa, acusado de condutas indecorosas com figurantes, as plateias ibéricas anseiam por ver a experiência narrativa realizada por ele a partir do ideal da “metrópole perfeita”.

Entre todos os indicados à Palma de Ouro de Cannes deste ano, o concorrente que mais chamava atenção e mais mobilizava apostas foi esse épico idealizado há quase quatro décadas. Idealizado pelo diretor de “Apocalypse Now” (1979) em 1977, desenvolvido em 1983 e retomado em 2019, com filmagens realizadas de 2022 a 2023, o enredo teria Paul Newman (1925-2008) como seu protagonista. Depois, falou-se em Kevin Spacey.



Adam Driver vive um artista capaz de parar o tempo na superprodução de Francis Ford Coppola

O Apocalipse agora é na Espanha

Gestado ao longo de quatro décadas e meia, ‘Megalópolis’ passa por San Sebastián, após controversa estreia em Cannes, para preparar o regresso de Coppola ao circuito comercial

Acabou que o papel principal ficou com Adam Driver. Ele interpreta Cesar Catilina, um arquiteto Prêmio Nobel, tratado como cientista desde que inventou uma substância chamada Megalon, para salvar sua mulher da morte. É com esse elemento químico, capaz de desafiar o Tempo, que ele almeja criar uma NY perfeita, apesar de o alcaide do

local, Cícero (Esposito), discordar de seus atos. A peleja deles é narrada com muita experimentação e até com imagens documentais. Num dado momento da projeção de Cannes, uma pessoa subiu no palco e se dirigiu à tela. É um exercício do chamado “cinema ao vivo”. A pessoa simulava ser um entrevistador que se dirigia a Cesar, na tela, numa

conversa tridimensional, como se fosse ao vivo. Toda o roteiro faz referência explícita ao Império Romano, desde os nomes dos personagens até diálogos em latim na narração feita por Laurence Fishburne.

Apesar da criatividade inegável desse plot, o filme fez uma passagem controversa pela Côte d’Azur, sem criar consensos. É um exercício autoral de risco absoluto, mas que beira a extravagância, resvalando no excesso e até na caricatura. Apesar disso, sua dimensão poética é inegável. A música de Osvaldo Golijov é um dos raros pontos em que a fita não gera dissonância de opiniões, assim como a atuação de Giancarlo Esposito no papel do prefeito de uma Nova York apresentada como Nova Roma.

Depois do fenômeno “Oppenheimer”, que faturou US\$ 972 milhões e conquistou sete Óscares,

a indústria do audiovisual anseia por um longa voltado para plateias adultas, com temática humanista, que possa faturar muito e alcançar prestígio. No início de maio, quando as primeiras imagens do regresso de Coppola foram divulgadas, “Megalópolis” passou a ser encarado como esse potencial sucesso pelo qual Hollywood tanto saliva. Depois de Cannes, contudo, as certezas deixaram de ser unânimes. Há quem defina “Megalópolis” como um tropeço, como um trem desgovernado, e há quem veja nele um poema com absoluta liberdade narrativa, mas ninguém fala em obra-prima. Pode ser que San Sebastián mude esse placar, uma vez que Coppola é visto como um deus no festival, onde ganhou a Concha de Ouro em 1969, por “Caminhos Mal Traçados”. Saiu de lá premiado também em 1984, com “Rumble Fish – O Selvagem da Motocicleta”, que lhe valeu a Láurea da Crítica, dada pela Fipresci, a Federação Internacional da Imprensa Cinematográfica.

Schrader documenta declínio americano

Roteirista vai dar trabalho a Waltinho com seu script impecável em “Oh Canadá”, vitaminado pela atuação mais madura da carreira de Richard Gere

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Roteirista de “Taxi Driver” (1976) e “Touro Indomável” (1980), Paul Schrader foi colega de Coppola na chamada Nova Hollywood,



a onda formou que revolucionou a maneira de se filmar nos Estados Unidos de 1967 a 1981, engajando o audiovisual num questionamento de práticas moralistas. O prestígio da escrita levou Schrader à direção, gerando cults como “A Marca da Pantera” (1982), “Temporada de Caça”



Richard Gere vive um documentarista em estado terminal de uma doença em “Oh, Canadá”

(1997) e “Fé Corrompida” (2017). Sua incursão mais recente por trás das câmeras, “Oh Canadá”, estreia hoje na seleção de títulos que caçam o prêmio

de júri popular de San Sebastián. Um de seus maiores rivais, além de “Megalópolis”, é o comovente “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, escolhido pelo Brasil para representar nosso país na corrida ao Oscar de 2025.

Schrader vai dar trabalho a Waltinho com seu script impecável, vitaminado pela atua-

ção mais madura da carreira de Richard Gere. O galã de “Uma Linda Mulher” (1990) interpreta um documentarista em estado terminal que relembra do tempo em que desertou da Guerra do Vietnã. É um estudo sobre o pacifismo e a noção de pátria.

San Sebastián termina neste sábado.

SSIFF



Longa analisa é uma das tradições culturais mais condenadas da Espanha: as touradas

‘Que venga el toro’: Albert Serra na disputa pela Concha de Ouro

Promovido à nata das vozes autorais do Velho Mundo desde que seu “Pacifiction” foi eleito o “melhor filme de 2022” pela revista “Cahiers du Cinéma”, o catalão Albert Serra entrou na disputa pela Concha de Ouro de 2024 com a experiência narrativa mais radical - e corajosa - deste Festival de San Sebastián: “Tardes de Soledad”. Seu objeto de análise é uma das tradições culturais mais condenadas da Espanha: as touradas. Sem fazer juízos de valor,

esse artesão da imagem registra uma série de “combates” travados pelo toureiro peruano Andrés Roca Rey, um jovem ídolo de reconhecimento mundial em seu campo de trabalho. Em planos longos, com muitos closes, Serra desconstrói o simbolismo de virilidade que cerca aquela prática, captando frases de fãs como “seus colhões são maiores do que a arena”, que, ouvidas no contexto estético documental, ganham tom irônico. A forma como a câmera

do fotógrafo Artur Tort (o habitual parceiro do realizador) registra a morte dos touros destroça qualquer “suntuosidade” que possa haver naquela prática brutal.

“Como Artur também é montador, seu olhar me ajuda a compreender a natureza das imagens, nas quais comentários da turma que segue Roca conduzem as cenas”, contou Serra ao Correio, explicando que não tenta fazer uma caricatura do toureiro. “Há honestidade no relato”. (R.F.)

ENTREVISTA | FEDERICO LUIS, CINEASTA

Pedras no caminho da Argentina

SSIFF



Federico implode uma série de signos que cercam a construção do longa

Diretor do premiado ‘Simón de la Montaña’ resiste às mudanças culturais que chegam com o governo Milei

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar da apreensão da comunidade artística da Argentina diante dos novos ventos culturais bafejados pela gestão do presidente Javier Milei, a recente produção audiovisual de nuestros hermanos segue a deslumbrar olhares nos grandes festivais de cinema, sobretudo os classe AA da Europa. Em fevereiro, a Berlinale, na Alemanha, deu o Urso de Ouro de melhor curta a “Un Movimiento Extraño”, de Francisco Lezama, egresso de Buenos Aires. Em agosto, “El Jockey”, de Luis Ortega, encantou Veneza, na briga pelo Leão de Ouro. Com a maratona cinéfila de San Sebastián, no País Basco, a situação é a mesma: a cidade enche de elogios o portenho “Simón de la Montaña”, de Federico Luis. Sua narrativa chegou às telas da Espanha endossa-

da pela conquista do Grand Prix da Semana da Crítica, seção paralela do Festival de Cannes, na França, que celebra cineastas em início de carreira.

Construído numa tênue fronteira entre ficção e realismo documental, “Simón de la Montaña” narra o processo de amadureci-

mento de um jovem de 21 anos (vivido por Lorenzo Ferro), que, no coração da Cordilheira dos Andes, junta-se a um grupo de adolescentes neurodivergentes abandonados à própria sorte.

Na entrevista a seguir, Federico implode uma série de signos que cercam a construção

do longa, um dos favoritos ao prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián.

RODRIGO FONSECA: De que maneira a vitória de “Simón de la Montaña” em Cannes e sua passagem gloriosa por San Sebastián, em meio ao estabelecimento das políticas de Javier Milei, podem simbolizar um gesto de resistência do cinema argentino ao avanço de uma política conservadora?

FEDERICO LUIS: Meu longa fez parte do grupo dos três últimos filmes que foram finalizados antes da mudança de governo no meu país. É quase um marco histórico de uma etapa que acaba e de outra, mais solitária para os artistas, que começa. É curioso criar uma analogia entre a nossa realidade atual e a trama que filmei. Nela, Simón se vê diante do desafio de escolher que decisões vai tomar para seu futuro. Nós, que fazemos cinema na Argentina, estamos na mesma situação: o que fazer agora?

RF Que metáfora está por trás da geografia de pedras em que “Simón de la Montaña” se passa?

FL: Queria que a montanha fosse mais do que paisagem, simbolizando um chamado para uma reflexão. Montanhas são fenômenos geográficos isolados, que nos levam a pensar no que está longe. Escalar suas pedras é desafiar a distância, é um convite a um reconhecimento de terreno, a um reconhecimento de nós mesmos. Naquela força natural, Simón e seus companheiros têm vivências de comédia, de drama, de ação, de vários registros, e saem dela transformados.

RF: Cannes se encantou por sua habilidade de mesclar elementos documentais e ficcionais na construção de seus personagens. Como foi o processo com seu elenco de atores não profissionais?

FL: Existe uma conexão com o mito bíblico de Simão do Deserto que passa pelo enfrentamento do desejo. Além desses simbolismos, que buscamos explorar, houve um código documental na observação daquele mundo, o que não excluiu um trabalho de preparação com ensaios. Há uma visão equivocada de que as atuações de pessoas PCD sempre são “naturais”, de improviso. No nosso caso não foi. Houve muito ensaio.

No sábado serão conhecidos os vencedores da seção latina de San Sebastián, que tem Juliana Rojas (de SP) no páreo com “Cidade, Campo”.



Leonardo Laureano estará em "Ocas"



Laura Samy em "Dança macabra"

Talentos da dança contemporânea

São dois talentos da dança contemporânea. Dois nomes que trazem ao público trabalhos reflexivos, inquietantes, frutos de intensa pesquisa – e entregas. Eles são os bailarinos e coreógrafos Laura Samy e Leonardo Laureano. Dois solos criados e interpretados por eles – e vistos, inclusive, no exterior – serão apresentados num mesmo projeto, no Rio de Janeiro. “Dança Macabra”, com Samy, e “Ocas”, com Laureano, serão apresentados de 27 a 29 de setembro, às 20h30m, em sessões gratuitas no Sesc Copacabana (mezanino).

Os bailarinos vão coordenar também oficinas gratuitas de dança no próprio Sesc Copacabana, no dia 28 de setembro, das 14h às 16h.

Sobre Dança macabra

Quem acompanha a trajetória de Laura Samy sabe que ela costuma levar à cena influências que vão da Literatura ao cinema em resultados que mesclam diferentes linguagens. E isso se dá com “Dança macabra”. A performance surgiu em 2015 a partir de reflexões sobre a sobrevivência e a morte. A linha dramática, que conta com a colabo-

Laura Samy e Leonardo Laureano fazem apresentações gratuitas dos solos “Dança macabra” e “Ocas” no Sesc Copacabana e coordenam oficinas, também gratuitas, no Sesc e no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro

ração do ator e bailarino Renato Linhares, alia pensamentos do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975), um poema de Henri Michaux (1899-1984), um registro em audiovisual da própria artista em movimento ao som de peças de Ennio Morricone (1928-2020).

O público ocupa a plateia com a bailarina já em cena. Os dez cubos espalhados pelo palco são empilhados e transformados em dois totens, cruciais para o jogo que se estabelece entre a bailarina e o espaço cênico. A partir daí, várias dialéticas se estabelecem: visível-culto, realimaginário, vidamorte. O corpo

fragmenta-se como numa pintura cubista, e a bailarina assume diferentes formas como a de um pássaro ou mesmo a da própria Morte. A performance já foi apresentada em diferentes cidades e espaços, como a Escola de Cinema Darcy Ribeiro (2015), o Teatro Cacilda Becker (2015) e em festivais de dança como o Panorama e a Mostra Caixote, ambos em 2017.

Sobre “Ocas”

O solo surgiu a partir do convite da bailarina sueca Niki Awandee e foi concebido ao longo da residência Ten days of Cypher, realizada naquele país. A concepção contou com a colaboração do DJ e também bailarino brasileiro Guiu. O palco é uma tribuna e, portanto, um espaço para se discutir questões sociais, éticas e étnicas, relacionadas à atualidade e a tempos pregressos. Essa consciência acompanha Leonardo Laureano desde que ele se entende por gente. O artista viu na dança o meio de levar o espectador a refletir com ele sobre a própria condição humana.

O palco está nu. O bailarino entra em cena por uma das laterais e vai, aos poucos, ocupando todo o espaço como que multiplicando-se. Ele veste uma túnica que evoca antigas culturas (e a própria ancestralidade) ao mesmo tempo em que aquele figurino ganha outras formas de uso, evocando signos pretéritos e atuais e ganhando, contudo, novos significados – justamente como a própria vida.

SERVIÇO

PROJETO REPERTÓRIOS

Gênero: dançaperformance
Dias e horários: de 27 a 29 de setembro, de sexta a domingo, às 20h30m
Local: Sesc Copacabana – Mezanino (R. Domingos Ferreira, 160. Tel: 4020-2101)
Entrada franca
Duração da sessão: 80 minutos
Classificação indicativa: 14 anos

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.